

# TRANSCRIÇÃO

S18214J01 - delija\_290720

17 de novembro de 2020

## **PARTICIPANTES**

Vozes masculinas identificadas: M1

## **TEMPO DE GRAVAÇÃO**

01 hora, 03 minutos e 17 segundos

## **MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO**

Padrão

## **LEGENDA**

... → pausa ou interrupção.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita / ouvida.

---

(INÍCIO)

[00:00:00]

M1: O João Marcos Lopes que era o pró-reitor Adjunto de Cultura e Extensão, na gestão da Maria Arminda, me telefonou perguntando se o Laboratório de Projeto poderia participar de um projeto da USP que envolvia várias unidades, entre elas a Medicina e a Enfermagem, e se eu poderia conversar com uma professora da enfermagem, a Ana Aranha, que hoje é titular do departamento de enfermagem psiquiátrica da escola de enfermagem da USP. O João Marcos perguntou se eu poderia recebê-las lá no laboratório para conversar sobre um projeto que estava envolvendo várias unidades da USP, psicologia, economia, a FEA, entre outras, também aquele instituto de tecnologia social da USP, do qual o Paulo também participa, aquele da cooperativa que administra a lanchonete da FAU. O João Marcos perguntou se o Laboratório de Projeto poderia participar, já que ele trata de arquitetura pública. Creio que isso foi no meio do ano de 2015, porque deu tempo de entrarmos com um

projeto de cultura e extensão - naquela época, não havia o PUB ainda, era o programa Aprender com Cultura e Extensão, e nós solicitamos as duas primeiras bolsistas para trabalharem nesse assunto. Mas antes de chegar no atual nome fantasia Ecosol Butantã, na verdade a procura foi para falar com a professora Ana Luísa Aranha, uma técnica da prefeitura, uma psicóloga de carreira, que é a Ana Luísa Monteiro de Barros, eu recebi as duas no laboratório. Elas vieram conversar sobre o ponto de cultura e economia solidária do qual elas estavam participando. Logo em seguida, nós já começamos a conversar com os demais técnicos, Carolina Balan, muito jovem, mestra em enfermagem orientada pela Ana Aranha, a Suzana Leroux que é do Butantã, e também de carreira, acho que é psicóloga do CAPS Butantã, e a Maria Cristina Tissi, a Tissi. Havia outros técnicos dos quais eu não me lembro agora, inclusive da redinha oeste. Mas logo em julho, agosto, mais tardar setembro, tivemos essas reuniões, provocadas pelo João Marcos. Foi uma demanda que veio da pró-reitoria de Cultura e Extensão para envolver o Laboratório de Projetos da FAU em uma relação que já envolvia outras unidades da USP com um arquiteto de carreira da Prefeitura de São Paulo e com a experiência - imagino - do departamento de edificações da Secretaria de Infraestrutura e Obras da prefeitura. O convite do Pedro Arantes da UNIFESP, em dezembro de 2012, para estabelecermos uma relação oficial perante a reitoria, resultou em um convênio entre a USP e a UNIFESP, entre o Laboratório de Projeto da FAUUSP e a Pró-Reitoria de Planejamento, a PROPLAN da UNIFESP, para tratar desses assuntos da arquitetura pública e cultura de projeto. O que é cultura de projeto? É constituir os departamentos municipais e projetos de obras públicas em todos os municípios do Brasil dentro da ideia de capitalização, municipalização das políticas, programas e ações,

no que se refere à cultura de projeto de arquitetura pública de infraestruturas urbanas e equipamentos públicos, habitação, produzida pelo poder público. É isso que a gente defende no laboratório. O fio da meada é esse. A questão do SUS, a luta antimanicomial, a constituição do RAPS, o CAPS etc. O primeiro contato que eu tive com esse assunto, com a Ana Aranha, foi nessa reunião lá no laboratório, onde ela apresentou toda essa questão que envolve, ao mesmo tempo, esse trabalho com os frequentadores dos CAPES, de sua reinserção na sociedade, da recuperação da autoestima e das relações humanas, e ter renda e dignidade e trabalho. Ela contou no primeiro contato - porque eles estão nessa rede oeste como vocês sabem, é minha intuição - que essa ênfase no CAPS Pinheiros e Butantã se dá porque o caminho da escola de enfermagem e da escola de medicina da USP está entre a doutor Arnaldo e o campus universitário do Butantã. Eles têm aula nos dois lugares. Então acho que acabaram enfatizando a rede oeste e a redinha oeste, eu imagino, para facilitar os estudantes, os residentes da medicina, da enfermagem, imagino, e terapia ocupacional, psicologia, por conta disso. E ela contou de uma questão que é a do CAPS do Itaim Bibi, onde fica a UBS e o CAPES. Eles tiveram lá o primeiro empreendimento social, que cria a relação inter secretarial, enquanto política pública inter setorial. Envolve, evidentemente, a Secretaria Municipal de Cultura e a secretaria municipal também, em tese, ligada a emprego e trabalho. Mas o que é interessante é que da ideia de economia solidária e que o primeiro empreendimento social do CAPS do Itaim Bibi foi o Bar Bibitantã. O Bar Bibitantã foi uma iniciativa deles lá da enfermagem, do departamento de enfermagem psiquiátrica da escola de enfermagem da USP, para ensaiar o que seria esse empreendimento social envolvendo usuários, frequentadores do

CAPS, para produzir como se fosse um buffet, produzir salgadinhos, doces e bebidas, para todo mundo, mas a primeira iniciativa foi para as bancas medicina e ermagem, reuniões entre eles e bancas de livre docência, doutorados, para gerar renda. Eu conheci essas pessoas, uma senhora e duas moças que fazem isso, é emocionante, vale a pena vocês conhecerem, um trabalho incrível. Porque tem CAPS de tudo, tem CAPS com problemas graves gerais, é muito bacana mesmo, muito legal isso que eles fizeram. Montaram uma cozinha no CAPS do Itaim, lá na Rua Salvador Cardoso, para ali, Horácio Lafer, perto da Tabapuã. E estava funcionando dentro do CAPS uma cozinha para eles produzirem esses salgadinhos, doces e bebidas. E aí, o que eles estavam sentindo falta era de um ponto comercial, porque era uma cozinha interna a um equipamento público, preciamante, e para conquistar mesmo essa autonomia estavam buscando um ponto. Esse ponto, eles conversaram tanto com o subprefeito do Butantã quanto de Pinheiros. Na época, o subprefeito de Pinheiros, nos primeiros dois anos da gestão do Fernando Haddad, era o Angelo Filardo, professor do departamento de tecnologia da FAU, arquiteto de carreira da prefeitura, lá da SEHAB, mas ele estava como subprefeito de Pinheiros durante os dois primeiros anos, e o subprefeito do Butantã era o Felipe. Felipe era - faleceu - um excelente arquiteto de carreira da prefeitura - que, junto com a Lucinha, trabalharam há muitos anos no Butantã, depois foram para Parelheiros e fizeram um trabalho extraordinário durante acho que duas gestões, de organizar todo o trabalho em Parelheiros ligado às APAs, que chamamos hoje de políticas públicas ligadas à agricultura urbana etc. Daqui íamos muito lá para Parelheiros, tentamos fazer algumas coisas ligadas à liberdade assistida, questão ligada também à tecnologia social, no extremo sul de Parelheiros,

no Marsilac. Então, só para abreviar a história, o que a Ana Aranha estava imaginando e foi solicitar ao Angelo Filardo que com o Largo da Batata sendo inaugurado naquela época, elas estavam pleiteando um endereço para um caminhão de comida, para ter o endereço para esse primeiro empreendimento social que foi feito lá no CAPS do Itaim, que é o Bar Bibitantã. Na mesa do Angelo estava uma questão do Ministério Público para tomar posse de um ex-telecentro, um telecentro que estava desativado na Praça Benedito Calisto, na Rua Lisboa, e tinha um imbróglgio lá fundiário, que não é o caso de falar agora, e o Ministério Público estava pedindo para a prefeitura tomar posse e o Angelo Filardo sugeriu para a Ana Aranha que o Ecosol, ponto de cultura e economia solidária, não ficasse precariamente naquela praça descampada lá, Largo da Batata, e fosse para um próprio municipal como a gente chama, que é um terreno de propriedade pública municipal, apesar dele ter um problema fundiário, de desapropriação, mas está praticamente dentro da Praça Benedito Calixto, ou seja, de frente para uma praça que é muito bem-vinda. Não sei se vocês sabem, mas o equipamento típico da saúde, importantíssimo, é o CECCO, Centro de Convivência Empreendedorismo e Cooperativa. Esses CECCOs tem praticamente uma sobreposição de atividades com o Ecosol, mas sempre estão implantados em áreas de parques. Eu lembro que lá, quando EDIF estava implantado lá no Ibirapuera, na IV centenário, o Vanderlei era direto, e o pessoal do CAPS, usuários e profissionais da saúde, paravam lá em EDIF com os colchonetes para utilizar. Tanto que lá no Parque do Ibirapuera, a antiga garagem de EDIF, que é um lugar bonito com uma ponte volante, foi transformado em uma marquise perto daquela figueira, não sei se vocês conhecem, é um telheiro de duas águas, um lugar de leitura, onde que o CECCO utiliza como aquele espaço. É bem

no final, perto do Manequinho Lopes, aquela escola de jardinagem. Então, todos os CECCOs estão geralmente implantados ou em praça pública, ou em parques, os antigos CDCs, Centros Desportivos Municipais. E também têm atividades de empreendedorismo social, entre outras. Então há uma sobreposição de missão, de objetivo. Mas eu acho que o Angelo Filardo, que também, como ele é de carreira da prefeitura, deve ter sugerido isso para elas para consolidar o equipamento lá em Pinheiros, que está no meio do caminho entre a doutor Arnaldo, onde fica boa parte das aulas, lá em cima, e o Butantã. E, de modo concomitante, eu acho que aconteceu a mesma coisa, porque é a mesma redinha. Só para falar para vocês, o Butantã e Pinheiros têm esse laço próximo, eu quero dizer os professores da USP da área da saúde e os técnicos municipais da área da saúde se relacionam há muitos anos, pelo que eu entendi da Ana Aranha, desde sua constituição, há 30 anos, eles estão muito próximos nessa relação entre USP e prefeitura, e que evidentemente por isso teve esse desencadeamento. Vocês conhecem mais o Butantã, eu imagino, do que o de Pinheiros, mas o do Butantã é na Corifeu, uma casa que também estava sendo devolvida, do mesmo modo que na Rua Lisboa, na Benedito Calixto, estava desativado o telecentro, estava parado, aquela casa na Corifeu também estava sendo devolvida. Eu esqueço sempre se era do Lions ou do Rotary. E é mais ou menos a mesma coisa na Rua Lisboa, lá tem a associação que compartilha o mesmo terreno da prefeitura, associação dos comerciantes da feirinha da Benedito Calixto, que também tem aula de ioga, massagem, igualzinho. Aliás, quem dirige lá na Benedito Calixto, a associação dos comerciantes da Rua Lisboa, é também uma psicóloga, Maria Emília, acho que é o nome dela, se não me falha a memória. Sua pergunta está falando como está envolvido com políticas

públicas. É a visão, evidentemente, minha, não é? Porque eu não tenho a visão de conjunto. Quem tem a visão inter secretarial de políticas é essa turma toda da medicina, da enfermagem, da psiquiatria, enfim, da psicologia e da terapia ocupacional, porque eles estão aí há muitos anos, pelo que eu entendi. Eu entrei agora nisso, totalmente fora da saúde. Eles estão há 30 anos juntos, desde a constituição do SUS, luta antimanicomial, constituição da rede de apoio psicossocial, que é o RAPS, o CAPS, com o governo do estado também. Agora, a política pública aqui do Butantã, a gente sabe que esse corredor da Corifeu tem vários equipamentos de saúde, um dos mais importantes do Brasil, que é aquele de doenças sexualmente transmissíveis. De qualquer maneira é um equipamento muito importante, porque ele envolve, de fato, no mínimo três secretarias, além da saúde, que é cultura, trabalho e assistência social, desenvolvimento social. No mínimo essas três. Desculpe, e a Secretaria do Verde e Meio Ambiente. Como eu acabei de dizer, já existe essa relação antiga entre a Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente e a saúde por causa do CECCO, por conta da utilização dos parques e áreas verdes de São Paulo para abrigar o equipamento capilar de rede, que é o CECCO, equipamento público municipal da saúde voltado à questão da saúde mental e voltado também a resgate, recuperação da dignidade através de atividades culturais, artísticas e ginástica, ioga, nos parques públicos. Tanto que essa relação é antiga que, não sei se vocês sabem, nós fomos retirados do nosso próprio municipal - que a gente não pagava aluguel, o departamento de edificações estava lá - e fomos para a prefeitura, lá para Galeria Olido, que é um prédio alugado, para ceder aquele espaço onde era a sede do EDIF para a Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente implantar a UMAPAZ: Universidade Aberta do Meio Ambiente e Cultura de



Paz. Não sei se vocês já foram lá, fica onde era EDIF, Avenida IV Centenário, portão três. Pode ser que tenha site sobre isso. Na época da Erundina - vocês lembram -, a Erundina já imaginava fazer uma universidade municipal. E, de certo modo, na época da Martha, foi adiante um pouco isso, mas mais voltado à questão do meio ambiente, ligado a essa questão da natureza, e da cultura da paz, Não é exatamente uma administração direta da Secretaria do Verde e Meio Ambiente, é um braço, não sei se é uma autarquia, se é uma OS. Ela ocupa as instalações, o prédio da EDIF, que era da EDIF, e lá se desenvolve atividades muito parecidas com o Ecosol e com o CECCO. Na verdade, é um CECCO grandão. Então lá tem atividades de economia solidário, tem textos do Paul Singer, do Paulo Freire, de cidade educadora, quer dizer, todas as oficinas e textos, e lançamentos de livros ligados tanto à economia solidária, do Paul Singer, quanto todas as questões de pesquisa, que é do Paulo Freire, acontecem ou aconteciam lá, não sei como está hoje, eu só fui lá uma vez, para dar uma palestra lá. Eu não sei qual é a dinâmica lá da UMAPAZ, mas UMAPAZ também seria o que seria o tal protótipo do Ecosol. O que eu quero dizer com isso? Que a relação entre a Secretaria Municipal de Saúde e do Verde e Meio Ambiente, nesse equipamento além de ser um capilar de rede, tem em cada esquina, ele é inter secretarial. Então o Verde e Meio Ambiente, Assistência e Desenvolvimento Social, Cultura e o do trabalho e emprego, são as que estão envolvidas junto com a saúde, e certamente são essas no mínimo. Agora, o que tem que ser feito, como a gente sabe, e agora com a pandemia ficou mais evidente para aqueles que não esqueceram disso, que isso é uma política de Estado, e não de governo, uma política de Estado persistente, enraizada, insistente, e o que é incrível dessas professoras que eu conheci, junto com as técnicas, como

a Tissi, por exemplo, são pessoas que estão em uma perspectiva clara, uma consciência clara do que é política de estado, não estão em uma coisa da moda, do momento de quem está de plantão. Acho que isso é importante, como também o SUS. Só para lembrar o conceito, só para a gente tentar ver, em 1992, quando a gente lá no EDIF conceituou o que chamamos de praças e equipamentos sociais, o que são as praças e equipamentos sociais? Na verdade, trata-se de conjuntos arquitetônicos que abrigam conjuntos de equipamentos públicos municipais de saúde, de educação, de cultura, de esportes, de lazer, do meio ambiente, assistência e desenvolvimento social. Quer dizer, nós defendemos desde 92 as praças e equipamentos sociais que envolvessem diretamente as seis secretarias responsáveis pela formação e transformação dos seres humanos, da sociedade e do lugar, que são essas seis: saúde, educação, cultura, esportes, assistência social e meio ambiente. A sétima é o trabalho, ação, formar e transformar. Então, na verdade, as praças e equipamentos sociais eram isso, e sempre pensadas em polos e capilares de rede simultaneamente. Capilar de rede é fundamental, ou seja, não são todos em um cercadinho, todos os equipamentos cercadinhos. Você tem o polo de rede estruturando os capilares de rede, na mesma cadência das escolas parques, só que dentro de uma questão da construção coletiva do lugar, quer dizer, do ponto de vista de chegar no distrito e no subdistrito, que é a nossa meta no laboratório. A nossa meta é estruturar o sistema integrado de rede de equipamentos públicos e municipais na escala de subdistrito e da microbacia, sincronizar as políticas públicas pelo perímetro e área, porque há uma evidente falta de sincronização, e dá para entender quais são os motivos, para a saúde é o mais claro possível, que são os hospitais, os centros gravitacionais disso, mas é importante ter essas políticas

públicas integradas. Nos dois casos eu fui lá, abri a porta lá junto com elas quando receberam a chave. Na verdade, antes de passar para o Butantã, acho que vale a pena falar para vocês, em 2013 e 14 foi o Angelo Filardo; em 2015, os dois últimos anos, o Angelo Filardo saiu e entrou para ser subprefeita a Harmi Takiya, e na gestão da Martha ela foi subprefeita da Mooca e fez um trabalho interessante lá em um terreno da Secretaria Municipal de Saúde, que ficava junto ao Viaduto Bresser, que era o apoio lá para o Hospital do Tatuapé. A Harmi fez um trabalho muito interessante de protótipo de horta comunitária em uma área meio contaminada junto à Radial Leste. A Harmi que foi, nos últimos dois anos da gestão do Fernando Hadda a sub prefeita de Pinheiros e aquilo que o Angelo havia proposto para a Ana Aranha de utilizar o terreno da Benedito Calixto, onde era o antigo telecentro, não estava consolidado, e foi a Harmi. Tivemos várias reuniões lá na subprefeitura de Pinheiros, tanto ele quanto a Harmi e outros técnicos da subprefeitura que viabilizaram a cessão da área. A Harmi assinou a concessão do Ecosol da Benedito. Não se vocês já sabem disso, mas é interessante essa relação entre os dois, o Ecosol da Benedito é um projeto piloto experimental com administração indireta; já a Ecosol do Butantã é uma administração direta. A Tissi, a Cristina Tissi, é funcionária pública de carreira da saúde, lotada lá no CAPS Butantã e que está coordenando, entre aspas, esse equipamento piloto que nem faz parte oficialmente do sistema. O Ecosol da Benedito é administração indireta, os professores da USP e os funcionários montaram uma associação, eu não sei se é OS ou ONG, chamada AVA - Associação Vida em Ação, e por isso eles receberam a concessão para utilizar aquele próprio municipal na Rua Lisboa. E nos dois casos, nós do laboratório, eu e os pesquisadores - o primeiro que foi comigo nos dois endereços foi o

André Meloni, que já está formado, a Mariana Caires e a Susan Ritchell, entre outros, o João Pini,] também, que era um estudante da Poli. Nós estivemos lá, abrimos a Corifeu com a Tissi e a Risonete, e outras. Vocês conheceram a Ana e mais três também lá do CAPS, acho que a Suzana também foi, a Suzana também estava nesse dia. Quando a gente entramos na casa, estava toda destruída. Quando elas receberam a chave da subprefeitura... porque, na hora que saiu o Rotary, rapidamente a casa foi assaltada, roubaram tudo, torneiras, portas e o que não deu para roubar, quebraram. E Na Benedito Calisto não foi tão destruidor porque tem uma coisa interessante lá, que aquele terreno é dividido com a associação comercial da feirinha, e os moradores de rua que são conhecidos lá e ajudam na praça cuidaram do telecentro, do prédio, dormiam lá. Aliás, muito boas as pessoas, ex-moradores de rua são pessoas incríveis que participam do Ecosol lá da Benedito, ajudaram a reformar o telhado e tudo, são incríveis. A praça e o Ecosol é a vida deles, principalmente a feirinha. Não sei se vocês sabem a história da feira da Benedito Calixto, a origem dela. É muito parecida com isso, envolve o Plínio Marcos, Mário Lago, fora a questão dos anos 70 do porão, o Lira Paulistana De certo modo, o endereço da Benedito Calixto tem muito a ver com o Ecosol, porque são atividades muito irmãs do que está sendo falado no Ecosol. Mas, bom, o da Corifeu, como o da Benedito, desde 2015 são dez pesquisadores da graduação e o Leon, que é arquiteto de carreira da prefeitura, não é comissionado. Ele não era do EDIF é da cultura, mas na cultura ele trabalhou com o Vanderlei, que depois foi diretor do EDIFe com o Zico. Zico também foi diretor de EDIF, mas tanto o Zico quanto o Vanderlei, quanto eu, Takiya, tivemos que nos mudar para o gabinete da cultura. Eu fui lá para o MINC, 2009 e 2010, e o Leon

trabalhou muito, o Leon é um excelente arquiteto da prefeitura de São Paulo, e ele está fazendo mestrado com a gente no laboratório, no grupo de equipamentos públicos. No mestrado, o objetivo do Leon foi é estruturar a rede de Ecosol, de equipamento público municipal, esse novo equipamento, ponto de cultura e economia solidária vinculado à saúde, um equipamento inter secretarial. Então nós estamos discutindo desde a questão da construção do programa, do lugar, estruturar a rede, cruzar com distrito, subdistrito e as políticas públicas, e também chegar até a configuração do termo de referência, que seria a arquitetura do programa desse equipamento e a exposição de motivos que justificariam a implementação dele, já que existe o CECCO, que faz sobreposição. Foi feito, não sei se vocês sabem, um projeto de lei na época do Fernando Haddad para aprovar esse equipamento e foi vetado no primeiro mês do Dória, aliás, o Leon está colocando no mestrado dele essa questão da justificativa dos recursos. Então o trabalho do Leon está nessa tentativa, do ponto de vista acadêmico, ter uma visão de conjunto dentro de uma perspectiva de política de Estado, de implementação, no contexto do sistema único de saúde, das políticas públicas antimanicomiais e de direito, dignidade e cidade, tudo isso, e a saúde. Fechar o mestrado dele nesse primeiro ponto e, se ele tiver fôlego, ir para o doutorado para detalhar mais, tanto o termo de referência, o TR do edifício e o que é ele de fato, o que é equipamento público, equipamento comunitário, equipamento urbano, é uma confusão danada. Então isso é muito importante, porque todo equipamento público municipal tem sempre um caráter de engajamento visceral da comunidade do entorno, dentro dessa construção coletiva do lugar. É um equipamento comunitário em última instância. Mas as sobreposições, na hora de justificar os recursos

financeiros, despesa de custeio, de capital, é isso que nós estamos discutindo também, como é que você tem o dinheiro carimbado. Se você consegue ter o dinheiro carimbado, fica convivendo com emenda parlamentar, nós temos dois problemas graves da fragilidade: emenda parlamentar e ata de RP - Ata de Registro de Preço, pois eu acho absurdo você tocar projetos e obras públicas com ata de RP. Você pode usar para fazer uma reforma, teve um vendaval, destelhou tudo, sei lá, um caminhão de lixo perdeu a direção e quebrou tudo ou alguém roubou o prédio, tem que repor. Agora, você não pode fazer uma obra pública com Ata de Registro de Preço, e não pode fracionar o objeto. Pela lei federal de licitações, você não pode fracionar o objeto.. É isso que eu falo que é a falta de cultura de projetos e de arquitetura pública. É tudo assim: os fins justificam os meios, tanto faz o espectro. Isso é muito grave e é isso que eu falo no laboratório para os estudantes, já que é uma escola pública de arquitetura e eu defendo os escritórios públicos de projeto; as pessoas têm que saber o que é despesa de custeio, despesa de capital, o que é ordenador de despesa, o que significa improbidade administrativa, que não pode fracionar objeto, que não pode fazer uma obra pública com ata de RP, e não é possível fazer nenhum tipo de política pública no pinga pinga de emenda parlamentar, na correria, demanda de balcão, como a gente diria na administração pública. Não é possível você consolidar política de estado na base de demanda de balcão: o que vem agora, na próxima segunda-feira? Agora, são dez pesquisadores de iniciação científica da graduação. Eu encaro os projetos de cultura e extensão, nessa ponte de mão dupla entre escola pública de arquitetura e escritório público de projeto. A relação de cultura e extensão do Laboratório de Projeto, que defende a arquitetura pública e cultura de projeto de

arquitetura pública é realizada com o intuito de consolidar, recuperar, estruturar. No caso da UNIFESP, os departamentos municipais e projetos e obras públicas também estaduais e federais, mas municipais ou até subprefeitura, distrito e subdistrito deveriam ter esses escritórios. Sapopemba, que é um dos 96 distritos do município, tem a população de Reykjavik, que é a capital da Islândia, 320, 350 mil habitantes. Desculpa, não, da Islândia inteira. Sapopemba tem a população da Islândia inteira, não da capital; é um dos 96, então é inacreditável a fragilidade institucional, porque os demais distritos têm 120 mil habitantes, em média. Ou seja, nós não conseguimos definir o perímetro de subdistrito. Então a nossa meta, dos grupos de pesquisa de equipamentos públicos e infraestrutura urbana é fazer essa sincronização de perímetro e área dos polos e capilares de rede das secretarias todas, e onde entra o Ecosol. O Ecosol, só para vocês entenderem, do Butantã está na beira - vocês já viram a situação -, e o da Benedito Calixto está na nascente do Rio Verde. O da Benedito Calixto, tem um problema fundiário, porque o córrego, a nascente corta na diagonal o lote, e a desapropriação só pegou um lado. É uma das nascentes do Rio Verde, aquele que corre na Vila Madalena, passa por trás da João Moura. E o do Butantã é praticamente o Pirajussara Mirim. Então, na verdade, os dois projetos piloto, tanto o suprefeito do Butantã quanto o subprefeito de Pinheiros cederam área para os dois projetos piloto em áreas inadequadas. São logradouros públicos, desculpa, não são próprios municipais, não são terrenos de propriedade pública municipal destinados a equipamento público, que é outra questão que eu estou falando com o Leon. Isso é um problema bem grave, a gente usa linha de transmissão para agricultura urbana, isso tudo bem, mas para o equipamento público que se pretende estar estável politicamente, da

política de estado, você ficar em um terreno daquele... não sei se vocês perceberam, na frente daquela rua, que é aquela rua sem saída do Morro do Querosene, com uma escada hidráulica, que chega lá no teatrinho do Barossi, do Querosene. Aquela escada hidráulica, aquilo lá é uma linha d'água do Morro do Querosene, talvez muito claro, inclusive naquela "cul de sac" quando acaba a escadaria tem a tampa, você vê o rio, e, na história desse lugar, onde que é onde está o Ecosol hoje? Era a confluência desse córrego do Morro do Querosene com o Pirajussara Mirim, era o encontro. Então em algum momento a prefeitura resolveu ceder para alguém, fazer aquela casa lá para o Rotary, mas é um lugar ultra inadequado. Não é um próprio municipal, é um logradouro, é um remanescente de viário. Isso é um problema, e isso, para os estudantes do laboratório, para os pesquisadores, tem que ser problematizado.. É claro que, do ponto de vista de implementação de equipamento é muito importante aquele lugar, cada dia que passa é uma conquista extraordinária mesmo o que está sendo feito lá, mas é precário, é bem precário para ter a dignidade que esse equipamento deveria ter. Então o que nós estamos pensando? Vocês já devem estar acompanhando. Nós estamos discutindo a implementação de um parque fluvial urbano do Pirajussara Mirim, que vai lá da Rua Barroso Neto, onde está a delegacia e o batalhão da Polícia Militar, em frente à escola da Vila, e vai até a foz, na Escola Estadual Alberto Torres. Ela foi a primeira escola rural do município de São Paulo no contexto da comissão executiva do convênio escolar, que foi o primeiro nome de EDIF, que era coordenada pelo professor Hélio Duarte e tinha na equipe o professor Eduardo Corona, o professor Roberto Tibal, o Manje. A EDIF os fundadores de EDIF foram esses, Ernesto Manje, Eduardo Corona, Roberto Tibal e coordenado pelo Hélio



Duarte, 1948. É uma das primeiras escolas rurais, que teria horta, tudo, é a Alberto Torres, que está totalmente degradada. É aquela escola que fica na Vital Brasil com a Corifeu, ao lado da UBS Escola, em frente à igrejinha. Então o Pirajussara Mirim, ao longo do muro de divisa da Alberto Torres, tem praticamente 200 e poucos metros até a foz. Da Vital Brasil até a foz tem 200 e poucos metros. E o Pirajussara Mirim, entre a delegacia, que fica na Barroso Neto, e o tribunal, ou até o Ecosol, tem 420 metros. Então a nossa ideia, do laboratório de projeto, que estamos batalhando já há alguns anos, é ter essa articulação institucional entre estado e município de tal modo o Instituto Butantã, que é da Secretaria Estadual, de certo modo, é independente igual à USP, mas tem vínculo com a Secretaria Estadual de Saúde, possa estabelecer um vínculo com a Secretaria Municipal de Saúde, e, juntos, cada nível, estadual e federal, ter relação inter setorial e fazer um protótipo de um parque fluvial urbano modelo de tratamento, de micro estação de tratamento de águas por microbacia, porque o Pirajussara Mirim só tem dois quilômetros quadrados. Dentro do nosso ensaio do laboratório de unidade e sincronização do perímetro de microbacia com o subdistrito, ela só tem dois quilômetros quadrados, então a ideia é que o Ecosol se torne a porta desse parque, que é um parque que está entranhado, não tem frente para a Corifeu. Na verdade, esse parque é um problema também fundiário, porque a Estrada Velha de Osasco, que está atrás do Ecosol, foi engolida pelo terreno do Instituto Butantã. A Estrada Velha de Osasco ainda é um logradouro municipal, faz parte dos documentos da prefeitura de São Paulo como logradouro, ou seja, é uma rua do município, porém está dentro, são 500 metros de rua dentro do Instituto Butantã. E o Pirajussara Mirim também é da prefeitura. Esses projetos aqui do Pirajussara Mirim, estão entrando nesse

projeto do governo do estado com a prefeitura, de saneamento, não sei se vocês estão acompanhando, de Pinheiros, pois a SABESP identificou alguns endereços, então têm soleira negativa, como, por exemplo, Paraisópolis. Soleira negativa é quando não dá para o esgoto, você tem que fazer algum tratamento local, micro estação de tratamento de esgoto. Então o que o Laboratório de Projeto propôs para a prefeitura e a prefeitura está topando, junto com o governo do estado, é que se incorpore o Pirajussara Mirim para ser esse parque fluvial urbano do Pirajussara Mirim, cujo equipamento porta de entrada para o parque seria o Ecosol do Butantã. Ou seja, estabelecendo o parque fluvial urbano do Pirajussara Mirim, que está no do miolo de quadra, cuja entrada, o único acesso seria - institucional - pelo Ecosol, a área do parque seria uma área ampliada do Ecosol exatamente como são os CECCOs. Quer dizer, a Cristina Tissi e todos os usuários do Ecosol poderão usufruir dessa área de 450 metros, mais ou menos, até o pé do morro, que vai ser incorporada a estrada de Osasco, que está dentro do Butantã. E, de certo modo, o Instituto Butantã parece que está pensando em fazer, em encarar o Instituto Butantã como parque. Parece que ele quer, paralelamente à questão da segurança industrial lá, da fábrica de vacina, segurança de saúde pública, que algumas se abram mais ao público, e uma das áreas é onde ficava a Fundação Faria Lima, lá em cima, perto de onde fizeram agora uma Etec, na avenida lá de cima da USP. Querem recuperar dois laguinhos que estão assoreados e abrir para visitação de educação ambiental por dentro da USP, pelo que eu entendi, não sei se isso   apenas uma ideia ou se de fato vai adiante. Então se   verdade que o local onde era a Funda o Faria Lima teria essa rela o com a USP, enquanto educa o ambiental,   bem possível que na parte mais baixa do Instituto,

que é onde está todo o efluente dele e que vai sendo descarregado no Pirajussara, e se o Pirajussara Mirim se torna um parque fluvial com acesso restrito, mas cuja porta seja o Ecosol, seria, digamos, um projeto demonstrativo de políticas públicas integradas não só de saúde mental, mas de educação ambiental ligada à Secretaria do Verde e Meio Ambiente e ligada à saneamento básico, porque lá estariam a micro estação de tratamento de águas pluviais, a micro estação de tratamento de esgoto, digamos, ligação direta, e biodigestores. Demonstrativo para a criançada, todo mundo. E esse parque demonstrativo tem os laguinhos com os peixes e plantas aquáticas, que é o laguinho que seria a prova de que a água não está contaminada, então o Ecosol estaria ligado a isso. Quer dizer, a área, o terreno do Ecosol, já é um terreno muito melhor do que o da Benedito Calixto, só que o Ecosol da Butantã está em uma avenida muito agressiva atualmente, completamente desagradável e a Corifeu, os vizinhos são inóspitos. Não os vizinhos, as pessoas, digo o ambiente urbano, a estrutura ambiental urbana da Corifeu, atualmente, é muito ruim, agressiva. Ganhando a retaguarda, os fundos, que eles já ganharam, -vocês sabem que o terreno da Ecosol é bem menor-, tem duas coisas gravíssimas além de não ser um terreno próprio municipal. Na Corifeu, o único trecho que tem estrangulamento da calçada é justamente ao longo dos 50 metros do Ecosol, e não foi o Ecosol que invadiu a calçada, foi a cessão anterior, acho que foi o Rotary que invadiu. Eles invadiram em um metro a calçada, há um estreitamento da calçada da Corifeu, que é uma coisa improvável. Nós, como arquitetos de carreira da prefeitura, se pegássemos um prédio desse que foi devolvido para a prefeitura para reformar, a primeira coisa que nós faríamos seria a demolição daquele muro e colocaríamos o terreno na posição correta. E também na época

anterior, que não é do Ecosol, não sei se foi iniciativa da subprefeitura ou se o Rotary fez por conta própria, colocaram tubos de concreto, quer dizer, canalizaram por conta própria o Pirajussara Mirim ao longo dos 50 metros do terreno do Ecosol, quando não era Ecosol, e pior: despejaram aterro de ponta. Eu sei disso, porque quando nós entramos lá para ajudar lá o que seria a reforma, a tomada da casa, não tinha aquele jardim que hoje tem, e está cheio de pedaço de demolição, pedaços de pilares, pedaços de piso e de cimento com caquinho, quer dizer, aterro de ponta da pior espécie, que é um perigo para vetores de saúde pública. Porque lá tem milhares de quilômetros de túneis para baratas, ratos. É por isso que tem aquele lagarto lá, lá é o manancial dele de comida, escorpião. E isso é uma coisa que desde 2015, quando nós colocamos o pé lá, acho que foi em setembro de 2015, eu, a Tissi, o pessoal, o André Meloni, os pesquisadores do laboratório junto com o pessoal da saúde e da USP, estivemos lá. A primeira coisa que eu vi foram essas três questões, primeiro o aterro de ponta, o terreno estava invadindo a calçada e o aterro de ponta está invadindo o córrego. Quer dizer, o córrego é da prefeitura, então quem permitiu isso? Eu acho importante ter essa consolidação dos endereços de encontro, essas esquinas e construção coletiva do lugar. Se ficar na circunstância de um caminhão de comida na praça Largo da Batata, pode até ser como pioneiro, mas como política pública tem que consolidar esses equipamentos e com dotação orçamentária carimbada. Estamos vendo agora lá o Fundeb, que só tem barbaridade, sempre querem desviar os recursos do Fundeb. Essa política pública municipal da saúde, em todos os municípios, quer dizer, o Ecosol, como equipamento, se desdobra do CAPS, porque, de fato, os CAPS estão abrigando essas atividades, como acabei de falar do Itaim Bibi. Fizeram lá

uma cozinha, não tem nada clandestino, mas é impróprio. É uma coisa inapropriada. E, evidentemente, não é o melhor lugar, um lugar onde você tem atendimento à saúde que tem um empreendimento social. O próprio HU, tem lá, tem atividades de consciência antitabagismo, nutricionista, o UH tem atividades, os profissionais de saúde desenvolvem atividades, feirinha de troca de roupa. Todos os equipamentos de saúde, aliás, todos os equipamentos públicos municipais, em tese, são equipamentos comunitários latentes, que é importantíssimo que a população, a vizinha imediata, a comunidade imediata, mas não só eles, se engajem no intuito de fazer funcionar junto, a gestão integrada e participativa na comunidade,. Quer dizer, de fato, a república democrática participativa e transparente. O Pirajussara Mirim tem no mínimo esses três equipamentos, o Ecosol no centro, a jusante, junta a foz do Pirajussara Mirim com o Pirajussara, o Alberto Torres, que foi um dos projetos da época do convênio escolar da escola parque, que foi a primeira escola rural da turma do Hélio Duarte, Eduardo Corona, e a Amorim Lima, que é a mais recente, dos anos 90, 80, imagino, década de 80, 89 aquele projeto. Pelo prédio que está lá, é 89, por aí. Eu acho que esses equipamentos estão mais ligados à questão da essência das praças de equipamentos sociais e um pouco da experiência que eu tive nos dois anos e pouco no MINC, no Mais Cultura dos espaços, dos pontos de cultura. O que eu acho interessante enquanto equipamento é a quantidade, nós mapeamos todos os equipamentos no entorno, como eu falei, são dez bolsistas, os trabalhos, passados cinco anos praticamente, agora estão todos sendo entregues, o último que vai entregar é o Leon. Essas relações institucionais com a prefeitura, com a saúde através delas, da Tissi, com a Secretaria de Desenvolvimento, por conta do projeto do Rio Pinheiros, eu acho que é

possível que consiga se consolidar isso. E, de fato, que o Ecosol fique consolidado. Mas não basta só o Ecosol do Butantã, tem que ser uma rede mesmo, uma rede de equipamentos. E a ideia é a gente formar, estruturar essa parte, como eu falei, de políticas, programas e ações, e, no nosso caso, ações são os projetos e obras públicas. Dentro do contexto da cultura de projeto de arquitetura pública, tentar chegar a um termo de referência, mas completamente justificado, , e ver como é que se consegue justificar que não haja sobreposição de função com o CECCO, com esse equipamento que eu falei, por conta do veto; um funcionário público de carreira fica receoso com a fragilidade institucional e demanda de balcão é esse ordenador de despesa. Esses dez pesquisadores da graduação e o Leon, condensaram nestes cinco anos tantas pesquisas e procuraram ver um caminho, justificar, do ponto de vista evidentemente teórico, técnico, é teórico, não político, colocar na mesa essa questão que justifica a tomada de decisão política partida da técnica, do Ecosol. Senão fica muito angustiante essa história de emenda parlamentar, fica todo mundo correndo atarantado. Lá na prefeitura, tinha duas questões: o famoso mês para nós quando você tem que mandar para a Câmara o orçamento programa do ano seguinte, na EDIF o problema começa em junho, julho, porque tem que, em setembro, agosto, então fica aquela agitação, fica uma coisa de demanda de balcão, nós sabemos, quem é técnico de carreira sabe o que tem que ser feito. Você tem que se adiantar aos projetos, não tem que esperar a coisa vir do balcão. Emenda parlamentar, aí vai perder a emenda parlamentar, fica aquela correria, uma fragilidade, aí quer contornar a lei, porque a lei federal de licitações é incompatível à demanda de balcão de emenda parlamentar. Aí se contorna a lei federal com a emenda parlamentar e se contorna com a ata

de registro de preço. Aquelas escolas de lata eram isso, vocês lembram? Mas a escola de lata é uma caricatura, as coisas são mais sorradeiras do que isso. Não dá para você fazer coisas gigantescas com ata de RP. Ata de RP, por exemplo, foi muito importante para recuperar a casa do Butantã, porque ela foi roubada, quebraram tudo, levaram as portas, maçaneta, e o que não levaram, quebraram. Então foi graças a uma ata de RP, uma ata de registro de preço, que toda subprefeitura tem, que foi possível fazer com a tabela de EDIF repor as portas, maçaneta e vidro, registro de preço. Tinha uma construtora trabalhando na implementação do Parque da Chácara do Jockey, vocês conhecem? Que fica lá na Eliseu de Almeida. Então, e a construtora que estava lá com ata de registro de preço pôde, então, deslocar um empreiteiro da obra da Chácara do Jockey. Por quê? Porque era um contrato por ata de registro de preço, ou seja, é aberto, é de momento, o que tem de acontecimento de emergência. Ata de registro de preço é assim: tem uma enchente, aí o subprefeito lá do Sapopemba, do Lajeado, tem que limpar o canal. O coordenador de projetos e obras da subprefeitura está lá atarantado que desceu toda a terra, as casas foram arrastadas, e carros, para dentro do córrego e você tem que limpar aquilo. Então aí sim você tem um contrato de ata de registro de preço, você vai lá e contrata o tratorista, sei lá. E foi assim que a casa do Butantã foi recuperada, porque em duas, três semanas quebraram tudo. Quando o Rotary devolveu a casa e ficou fechada, parece que o tempo que ficou fechada foi o suficiente para o prédio - como a prefeitura não manteve um segurança, não tomou posse de novo, demorou para tomar posse, - ser assaltado quebraram, usaram para comprar drogas, não sei o que fizeram. Eu fui um dos primeiros a entrar, fui o primeiro com a Tissi. Estou mais é contando história, estou contando, relatando os fatos do que eu vivi

nesses cinco anos. Essas pessoas da enfermagem têm uma garra, e da saúde, a Tissi, aquela turma toda. E lá na Benedito, a Ana Luísa Monteiro de Barros e também a turma lá. Essa senhora, que fica do Bar Bibitantã, é uma coisa emocionante. Nós estivemos lá. O Paul Singer estava bem mal, e inauguraram o Ecosol da Benedito, o Paul Singer foi lá. O Ecosol da Benedito é uma sala de cinco por 15, só isso, de frente para a Benedito Calixto. E lotou a sala no dia lá da abertura, foi todo mundo da saúde, a rede oeste inteira, o pessoal de carreira da prefeitura da saúde esteve lá. Eu estava lá, (inint) [01:02:08], a Harmi, que era sub prefeita, também foi, e estava o Paul Singer. Mas o momento mais emocionante, aí, claro, o Paul Singer recebeu... o Ecosol da Benedito tem uma homenagem, chama-se Sala Paul Singer. Mas o mais emocionante foram os três usuários falando, depoimento, a felicidade deles lá, que eram do empreendimento social Bibitantã, o Bar Bibitantã. E os que estão no Butantã, a Risonete, os outros. É a vida deles, e o Ecosol só existe por causa deles. Claro que é um equipamento público, administração direta, mas quem toca aquele espaço com amor, de coração são eles lá. Claro que a Cristina Tissi também. Isso é incrível. A principal infraestrutura são as pessoas mesmo.

[01:03:17]





# audiotext

**Audiotext Serviços e Cia. LTDA**

**CNPJ: 17.429.373/0001-85**

(41) 3363-3220

[falecom@audiotext.com.br](mailto:falecom@audiotext.com.br)

[audiotext.com.br](http://audiotext.com.br)